

Usina da Ceilândia já é uma atração mundial

CORREIO BRAZILIENSE

DF - Suso - 5 NOV 1989

O que a Califórnia, as distantes Ilhas Fidji e Brasília têm em comum? Os três locais, apesar de todas as suas diferenças, estão investindo no mais moderno processo de tratamento de lixo urbano, desenvolvido com a tecnologia francesa da Triga. A vantagem é que Brasília já tem uma usina operando, no Setor P Sul de Ceilândia, enquanto Califórnia e Fidji mostram enorme interesse em construir usinas como esta, que no DF já recicla 13 mil toneladas mensais de lixo, produzindo composto orgânico de alta qualidade e não agredindo o meio ambiente.

Nesta semana, o prefeito da cidade californiana de Santa Paula, Les Maland, veio pessoalmente conhecer a Usina Central de Tratamento de Lixo de Brasília, acompanhado de M. Gicoux, um dos diretores da Triga na França. Santa Paula está realizando uma concorrência internacional para implantar o processo de tratamento do lixo, com capacidade para até duas mil toneladas diárias.

Entre mais de uma dezena de concorrentes, a tecnologia Triga qualificou-se como uma das quatro capazes para atender às exigências daquela comunidade, em especial quanto à qualidade do composto orgânico (empregado como adubo agrícola), quantidade de reciclados e preservação ambiental — sempre um item importante nos Estados Unidos. “Ele ficou entusiasmado, tirou inúmeras fotos e mostrou-se impressionado com a qualidade do composto, tanto que fez com as próprias mãos o teste de umidade e aspecto granulométrico”, recorda o engenheiro Sérgio Avila Filho, gerente da usina e da Sanenge, empresa que opera o sistema e é detentora da tecnologia Triga no Brasil.

Amanhã é a vez de uma comitiva de autoridades das Ilhas Fidji, integrada pelo prefeito, técnicos e políticos. Eles chegam de manhã e conhecerão a usina acompanhados do diretor do grupo francês e do representante da Sanenge em Brasília. Depois da visita, vão à Caesb para um encontro com o diretor de Operações da empresa, Antonio de Pádua.

VANTAGENS

“A nossa usina virou cartão de visitas para a Triga”, orgulha-se Avila, que chegou em Brasília há quatro anos para supervisionar a construção da usina, um projeto que custou, no total, 10 milhões de dólares e hoje é responsável pelo beneficiamento e tratamento de boa parte do lixo brasileiro. Inaugurada em 1986, a usina tem

hoje 182 funcionários trabalhando, dos quais 42 da Sanenge e o restante do Serviço Autônomo de Limpeza Urbana (SLU).

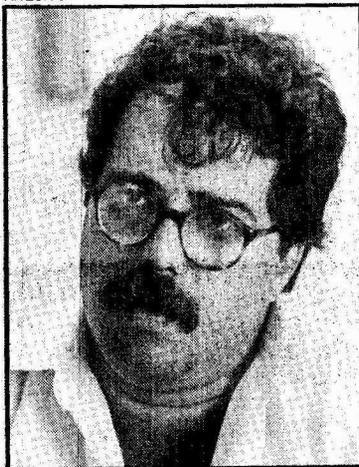
“Nossa função é colocar a usina em operação e dar toda a manutenção aos seus equipamentos. Já o SLU administra a usina, fiscaliza o nosso trabalho, encarrega-se do trabalho de catação, cuida da estocagem e venda dos derivados do lixo, como o composto orgânico e os reciclados”.

Avila revela que a tecnologia Triga tem várias vantagens em relação a outros processos de tratamento de lixo, por isso para a empresa francesa é importante mostrar a eficiência da usina brasileira, eficaz argumento para que o grupo feche negócios com clientes de todo o mundo. “É uma das melhores em operação atualmente”, garante o engenheiro, “porque utilizamos o processo de fermentação vertical. Além disso, o higienizador é um prédio, e não um equipamento, o que permite que a usina prossiga funcionando mesmo no caso de pane em alguma área do sistema”.

O processo de tratamento do lixo se inicia com a recepção, feita em um fosso com 3 mil 500 metros cúbicos. Duas pontes volantes com garras são empregadas para que as linhas de produção sejam alimentadas continuamente. Neste trabalho são necessários três funcionários por turno. Já a fase de separação utiliza peneiras giratórias para classificação de material; separadores balísticos, pneumáticos e magnéticos, além dos transportadores de catação. O trabalho é manual e mecânico e, nesta etapa, são aproveitados os materiais recicláveis — papel, papelão, plástico fino ou grosso, latas, vidro, trapos e metais não-ferrosos.

Neste processo, 44 pessoas precisam dedicar-se em cada turno e nele o lixo ganha a composição final para entrar no terceiro estágio da usina, o de fermentação. “É a grande

ARQUIVO



Avila: investimento social

vantagem do sistema de compostagem acelerada. Os restos de alimentos, papel, frutas e outras metérias orgânicas vão para o higienizador, onde é feita a fermentação do lixo, ao longo de quatro dias e submetendo a massa a temperaturas superiores a 60 graus centígrados”, explica o diretor da usina da Ceilândia.

As altas temperaturas permitem, inclusive, a eliminação de bactérias patogênicas, potencialmente malignas, formando, ao final do processo, o composto orgânico que abastece, a preços subsidiados, os produtores rurais do cinturão verde do DF. São os clientes mais assíduos, mas a usina já vendeu o produto para locais distantes, como Barreiras (BA) e Patos de Minas (MG).

“Depois do higienizador, o lixo vai para um pátio de cura, já na forma de composto orgânico, onde deveria permanecer por cerca de 60 dias. Mas o que ocorre é que há uma procura muito grande dos agricultores, por isso dificilmente o estoque fica este tempo todo imobilizado”.

Mesmo trabalhando abaixo de sua capacidade máxima, a usina poderia até ser auto-suficiente e rentável se o composto não fosse negociado a preços subsidiados. “Se vendêssemos os produtos do lixo em valores de mercado, isto seria possível. Mas uma usina como essa não deve ter finalidade lucrativa, mas sim uma função social”, raciocina Sérgio Avila Filho.

Do total de lixo que chega à usina, transportado pelos caminhões do SLU diariamente, 56 por cento se transformam em composto orgânico; uma outra parte é material reciclável, vendido em leilões públicos; finalmente, de 25 a 27 por cento de todo o lixo são rejeitos, enterrados em aterros sanitários. Atualmente, até isso tem destinação útil, pois chacareiros próximos pedem que o rejeito seja usado para recuperar terras erodidas.

Hoje, o GDF gasta 10 mil BTNs a cada mês com a usina, um investimento social importante. “Até porque lixo não reciclado, colocado a céu aberto em aterros sanitários, deixa o local impréstatível por 20 anos, devido, principalmente, à emissão de gases tóxicos”, justifica Avila. Cidades como o Rio não têm usinas e o problema do lixo urbano transformou-se em pesadelo para as autoridades. A tecnologia usada no DF, cobijada por locais distintos como Califórnia e Fidji, pode ser a melhor solução. Uberaba (MG), por exemplo, “descobriu a pólvora” e estará inaugurando uma usina com tecnologia Triga/Sanenge brevemente.